

A história genealógica e a historicidade das ciências: aproximações e distanciamentos teóricos e filosóficos entre Foucault e Aurox

The genealogical history and historicity of science: theoretical and philosophical similarities and differences between Foucault and Aurox

Gleiton Matheus Bonfante¹

Universidade Federal Fluminense (Brasil)

RESUMO

Esse artigo discute duas tomadas conceituais de história dentro da produção de conhecimento linguístico-discursivo: a genealogia e a historicização das ciências. Ao discutir o conceito de história nos trabalhos de Michel Foucault e de Silvain Aurox, o artigo se propõe a descrever dois caminhos possíveis para o estudo histórico no campo da linguagem e do discurso, comparando suas diferenças de perspectivas e ganhos éticos e epistêmicos. Entre as conclusões, pode-se assinalar que embora Foucault e Aurox se aproximem no interesse pelo acontecimento e no rechaço pela origem como fonte de sentido, eles se afastam em suas concepções de verdade, autoria e no que tange à continuidade/descontinuidade dos acontecimentos históricos.

PALAVRAS-CHAVE:

História e linguagem. Genealogia. Historicidade das ciências. Foucault. Aurox.

ABSTRACT

This article discusses two conceptual approaches to history within the production of linguistic-discursive knowledge: the genealogy and historicization of the sciences. By discussing the concept of history in the works of Michel Foucault and Silvain Aurox, the article aims to describe two possible paths for historical study in the field of language and discourse, comparing their different perspectives and ethical and epistemic gains. Among the conclusions, it can be noted that although Foucault and Aurox are similar in their interest in 'events' and their rejection of origin as a source of meaning, they differ in their conceptions of truth, authorship, and the continuity/discontinuity of historical events.

KEYWORDS:

History and language. Genealogy. Historicity of sciences. Foucault. Aurox.

Recebido em: 14 set. 2025

Aceito em: 31 out. 2025

¹ E-mail: supergleiton@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6828-508X>.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) pelo financiamento ao Pós-Doutorado Nota 10, processo SEI-260003/019705/2022.

1. Introdução

Com o interesse em pensar sobre a conjugabilidade do conceito de história às pesquisas dentro das ciências da linguagem, este artigo se propõe a explicar duas formas de compreender e empregar o conceito: a da História das ideias linguísticas, campo do saber que propõe o próprio conhecimento como fenômeno histórico, e a concepção genealógica de história de Foucault baseada nos escritos de Nietzsche. A partir desse interesse, o artigo é guiado por três questões acerca de Foucault e Aurox: *Qual a concepção histórica de cada autor? Quais seus objetivos teóricos (Aurox) e políticos (Foucault)? Quais as decorrências epistemológicas de entreter essa ou aquela perspectiva, em relação ao conceito de: a. verdade; b. continuidade/descontinuidade da história; c. autoria; e, finalmente, d. a questão da origem?* Apesar de perspectivas contrastivas frequentemente se organizarem através de um viés hierárquico, o propósito dessa comparação não é estabelecer um modo preferido, mas delinear duas diferentes possibilidades de pensar a história dentro da produção de conhecimento linguístico e discursivo, assinalando seus principais objetivos teóricos e políticos e quais as consequências epistemológicas de cada perspectiva.

Foucault foi filósofo e se consagrou nos estudos linguísticos e literários propondo uma genealogia dos discursos, a morte do autor (1969) e lançando a linguagem ao infinito (2001). Aurox é filósofo da linguagem e historiador da epistemologia linguística, se consagrou na linguística propondo primeiro a escrita e depois os instrumentos linguísticos como tecnologias (1992). Ambos franceses e interessados pela produção de conhecimento e sua história, seus interesses e percursos singulares os levaram a perspectivas muito distintas, tangenciando também objetos sociopolíticos distintos: os discursos gramaticais e dicionarísticos em Aurox, os discursos médicos, jurídicos, psiquiátricos, da subjetividade, da sexualidade em Foucault. Embora diversos, e até divergentes, não resta dúvidas de que os objetos de inquérito de ambos os autores lidem com a relação entre discurso e governamentalidade: seja na gestão da vida para Foucault, ou na gestão das línguas em Aurox. Para tangenciar as percepções dos autores sobre a história e descrever como suas contribuições marcaram o campo de estudos linguísticos, o artigo prosseguirá da seguinte maneira: na primeira seção, “História e linguagem”, o artigo discute as concepções de história para os dois autores (seções 2.1 e 2.2). Em seguida, na seção “Decorrências teóricas e metodológicas das diferentes perspectivas históricas”, os autores são comparados quanto à cinco tópicos: 3.1 verdade; 3.2 autoria; 3.3 continuidade/descontinuidade; 3.4 acontecimento e 3.5 origem como fonte de conhecimento histórico. Depois concluimos a discussão, ressaltando as diferenças nos projetos de conhecimento dos dois autores. Finalmente, o prólogo, que embora

periférico ao texto, é sua espinha dorsal em termos de crítica, apresenta um convite a *antropofagar* esses autores por perspectiva anticolonial.

2. História e linguagem

“A historicidade é assombrada.”

Denise Ferreira da Silva, *Homo modernus: para uma ideia global de raça*

“Diacronia” em oposição a sincronia inaugurou nas dualidades saussurianas uma cientificidade teórico-metodológica para o estudo histórico dentro do amplo campo de estudos que se interessam pela linguagem: sintaxe, léxico, discurso, morfologia, linguística românica. Saussure também influenciou o conhecimento histórico da língua e da linguagem ao recauchutar a proposta de arbitrariedade do signo já presente em Aristóteles (Auroux, 2009). A arbitrariedade do signo baseou ao longo de toda cultura científica uma homogeneidade perspectiva sobre a linguagem, critica Milner (2012). Penso que, em perspectiva teórico-metodológica, a arbitrariedade da significação, alude à arbitrariedade da história. Essa dupla arbitrariedade tem o potencial de afastar qualquer expectativa moral sobre a produção de conhecimento, sobretudo histórico. Ademais, essa solidariedade na arbitrariedade deixa ver uma certa bidirecionalidade entre as duas disciplinas. Magda Soares aponta que, de um lado a história pode ser recurso para estudar a linguagem. De outro, “a história encontra nas ciências linguísticas instrumentos para estudar a historicidade do homem” (Soares, 1998, p. 30-31). Retomando o linguista Eugenio Coseriu, Soares explica que “a linguagem ‘é forma mais fundamental da historicidade do homem’” (1998, p. 30).

Investiremos nesse segundo argumento da relação entre linguagem e história. Porque não há, neste texto, um comprometimento com a história-disciplina, mas com a história-perspectiva-de-observação-da-língua, é pacífico que a história oferece uma perspectiva privilegiada para a observação dos fatos sociais como as práticas discursivas situadas. Ambos interessados por perspectivas históricas, Foucault a toma como narrativa exercida pelo complexo saber-poder e Auroux (1992, 2008) a toma como elemento inalienável à prática do conhecer. Ademais, ambos defenderam que a prática da produção de conhecimento histórico, da linguística ou qualquer ciência deveria ser descritiva e não normativa. Auroux trabalha com saberes linguísticos que são múltiplos, enquanto Foucault procura multiplicar as fontes históricas de documento. Os documentos históricos que inspiram o trabalho de Auroux são as instituições da língua nacional: os monumentos que sustentaram sociedades inteiras do século XV em diante: dicionários, gramáticas

e enciclopédias. Os documentos históricos de Foucault são eles mesmo um gesto genealógico, pois descontínuos, passam por

história do procedimento penal, a evolução e a institucionalização da psiquiatria no séc. XIX, considerações sobre a sofística, sobre a moeda grega, ou sobre a Inquisição na Idade Média, o esboço de uma história da sexualidade, através das práticas da confissão no séc. XVII ou do controle da sexualidade infantil nos séc. XVIII-XIX; a demarcação da gênese de um saber sobre as anomalias, com todas as técnicas que o acompanham (Foucault, 1976, p. 262).

Essa lista foi fornecida por Foucault para sistematizar e exemplificar os diferentes temas abordados por ele ao longo de um ano no Collège de France, em texto que versa sobre o potencial político da genealogia, perspectiva que abordamos a seguir.

2.1 Qual a concepção histórica para genealogia nietzschiana-foucaultiana?

A genealogia é um conceito que remonta a um desvelar de camadas de determinado evento histórico, um gesto que se propõe como “uma insurreição dos saberes antes de tudo contra os efeitos de poder centralizadores” (Foucault, 1976, p. 268) e que procura evitar “o risco de construir um discurso unitário” (Foucault, 1976, p. 271). É uma perspectiva histórica de investigação baseada em acontecimentos e que, por isso, não se organiza em torno de uma lógica supratemporal, mas vê nas rupturas e descontinuidades a própria essência histórica.

No que se relaciona à língua, a genealogia pode ser ferramenta para analisar a sucessão de discursos, embates, pontos de irrupção e descontinuidades, silêncios e discursivizações, acontecimentos, ou como escrevi anteriormente, diferentes vontades de verdade (Bonfante, 2022). Seu foco não é na soma das ocorrências ao longo da história, mas os acontecimentos irregulares que irrompem na vida discursiva-histórica. O conceito de genealogia é explorado por Foucault como uma forma de fazer história. Em texto permeado por Nietzsche, Foucault descreve a genealogia como “cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária” (Foucault, 1971b, p. 55). Ser cinza é ser marca tanto de borramento e indiscernibilidade quanto de possibilidade. O cinza também é certamente marca de uma certa cegueira contemplativa totalitária que só as névoas podem propiciar. Por perspectiva decolonial, o cinza também é um signo de diversidade, multiplicidade. É *ch’ixi* (Cusicanqui, 2024), um projeto de saber. Em *Um mundo ch’ixi é possível*, Cusicanqui define *ch’ixi* como: “cinza com pequenas manchas de preto e branco que se misturam” (2024, p.207). O cinza/*ch’ixi* de Cusicanqui retornará no prólogo deste texto, por insistir que o passado colonial está no presente.

O cinza também me toca como um tipo de demora, de profundidade investigativa: a meticulosidade do tato com o papel a ser conservado, o cuidado documental, a própria exclusão. Para Foucault, a genealogia é marcada por um demorar-se: “marcar a singularidade dos acontecimentos longe de toda finalidade monótona; espreitá-los onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história”² (Foucault, 1971b, p. 55) – o ínfimo, o irregular, o desprezível, o irruptivo. A proposta genealógica prevê despirmo-nos dos monumentos e auscultar a história na sua pequenez cotidiana, trágica e intestinal. O intestino talvez seja uma boa metáfora corporal para pensar a genealogia, visto sua rugosidade, seus labirintos de tripas e suas irrupções espontâneas da novidade que vaza. A genealogia se perde nas curvas e vãos das tripas, órgão que tem uma conexão direta com a cabeça, o funcionamento nervoso. O historiador foucaultiano revira as estranhas da história.

Genealogia, segundo Foucault, se refere a “uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história” (1977, p. 43). Em consonância com o trabalho foucaultiano sobre autoria, segundo o qual o autor se dissolve nos seus escritos, o historiador experiencia um aniquilamento de sua própria individualidade. Foucault emprega o sintagma “sacrifício do sujeito de conhecimento” (Foucault, 1971b, p. 82). Também é relevante pontuar que o uso genealógico da história se refere a um uso antiplatônico: genealogia é a libertação do sentido histórico da “história supra-histórica” (Foucault, 1971b, p. 80). Ao contrário, a história genealógica não teme ser um saber perspectivo. A genealogia ameaça o historiador tradicional do século XX, que trabalhava “escondendo seu singular rancor sob a máscara da universalidade” (Foucault, 1971b, p. 78). Ela faz reaparecer as discontinuidades que nos atravessam. Ela faz ver as discontinuidades que nos mutilam e recortam, dissolvendo identidade, capacidade de categorização, semelhança e divergência, contexto, tanto dos acontecimentos interpretados, quanto do historiador interpretante. “A história não descobrirá uma identidade esquecida, sempre pronta a renascer, mas um sistema complexo de elementos múltiplos, distintos, e que nenhum poder de síntese domina” (Foucault, 1971b, p. 82). A aposta foucaultiana é na impossibilidade de completude no

² Gosto de sugerir o terceiro volume da *História da Sexualidade* como um exemplo muito interessante de genealogia foucaultiana: um trabalho com textos históricos não ortodoxos que ele fez munido de grande interesse pelo sujeito e pelo discurso. Foucault centraliza sua análise sobre os sonhos eróticos e os discursos valorativos dos tipos de prática manifestada em cada sonho sexual. Ele começa sua elucubração pelo *Manual dos sonhos* de Artemidoro, para pensar toda uma gramática sexual mítica e masculinista em torno dos significados e presságios atrelados aos sonhos com certas práticas sexuais.

arquivamento, na apreensão parcial e narrativa da história, e na necessidade de conceber a narrativa histórica como instrumento de luta política.

Sua aposta histórica parece se interessar mais pelo que escapa ao domesticado. “A genealogia é a história como um carnaval organizado” (Foucault, 1971b, p. 82). Com essa imagem que ele produz, pensamos num grupo de elementos escandalosos e destoantes que organizamos numa fila do banheiro químico na maior festa popular da América Latina. Uma ilustração possível ao método genealógico. A genealogia é parcial e profunda; ela dramatiza metodologicamente a incapacidade de síntese e a domesticação dos acontecimentos sob rótulos pacificadores, advogando o conhecimento histórico como recorte, como uma seleção. Ademais, a genealogia clama interesse pelo que irrompe, pelo que inflama, que acende, ela propõe a descontinuidade como lógica histórica e assevera que a verdade da história não antecede metafisicamente o mundo de que faz parte, mas é construída nele.

2.2 Qual a concepção de História na tradição das ideias linguísticas?

“O passado não é história.”

Colombat, Fournier e Puech, *Uma história das ideias linguísticas*

Para Auroux, a história é uma espécie de sopro vital ou energização das ciências, sendo constitutiva de suas possibilidades de conhecer. Como ele escreve: “Uma ciência que não tem história é uma ciência morta, uma ciência que não existe mais. Os mortos não têm futuro” (Auroux, 2021, p. 11). O tempo para Auroux é constitutivo do conhecimento. “O tempo não é um meio passivo que forneceria o quadro das teorizações linguísticas. Ele não é uma simples ‘cronologia’ (mesmo se a cronologia é indispensável ao historiador)” (Colombat, Fournier e Puech, 2017, p. 37). O tempo por si só não abrange um domínio histórico, mas sua passagem e alteração da paisagem. “As características principais do domínio do objeto histórico são a *emergência de novas entidades* e a *irreversibilidade* das sequências emergentes, o que significa que esses objetos devem ter uma relação intrínseca com o tempo” (Auroux, 2021, p. 5) Em outras palavras, o correr do tempo é constitutivo à própria produção do conhecimento.

No trabalho de Auroux, o conceito de história, sobretudo das ciências, não pode ser dissociado do conceito de *horizonte de retrospectão*. O filósofo da linguagem e historiador das ciências explica que *horizontes de retrospectão* se refere ao “conjunto de conhecimentos antecedentes” estruturados como copresentes em uma disciplina ou campo de saber. Auroux

sugere que produção de conhecimento é um fenômeno atado a temporalidade. “[É] necessário tempo para saber” (2008, p. 141), de modo que a historicidade das ciências é constitutiva do próprio saber científico. Aquino (2024) explica que Auroux cunhou uma dupla conceitual: *horizonte de retrospecção* e *horizonte de projeção* para sustentar sua ideia de que “não há conhecimento instantâneo” (Auroux, 2008).

Para Auroux (2008, 2021), que está explicitamente interessado na história das línguas e na história da produção de saberes sobre as línguas, “a questão da história pode se resumir em uma questão de dimensões e de relações entre essas dimensões quando se constrói a representação histórica” (2021, p. 3). São as dimensões: a) um sistema de objetos (isto é, uma representação construída a partir do domínio de objetos); b) um parâmetro temporal; c) um parâmetro espacial; d) um sistema de parametrização externa ligando o sistema de objetos ao seu contexto; e) um sistema de interpretantes (Auroux, 2008; 2021).

Ao contrário do carnaval genealógico, que dramatiza a incomensurabilidade e incapacidade de arquivamento por semelhanças, Auroux defende que o historiador deve estabelecer “linhas causais” (2011, p. 1), em uma narrativa que se proponha a ser explicativa. Na nota 204 da página 137, Auroux (2008) escreve que “o historiador deve se esforçar para não recorrer à teleologia, ou seja, de explicar o passado pelo futuro. Deve utilizar a explicação causal que vai do passado ao futuro”. Pelo seu extenso trabalho sobre gramáticas e pela coesão temporal e causal empírica de suas aparições na Europa e demais partes do mundo, Auroux flerta teoricamente com a descontinuidade foucaultiana, mas não pode abrir mão de uma perspectiva cumulativa da história. Enquanto Foucault se aproxima microscopicamente de arquivos inesperados e os despe despudorado, Auroux se afasta secularmente da cena para fornecer uma perspectiva que abrange diferentes momentos históricos de monumentos³ linguísticos, costurados por um sujeito historiador. Enquanto Foucault mata o autor (1969) e pensa o sujeito como apenas o “nó de coerência” (1971a) do discurso, Auroux prescreve ao historiador uma tarefa, uma condução metodológica: “É necessário descrever não somente as relações de sucessão, mas também as relações de contiguidade” (Auroux, 2008, p. 139). Seus leitores corroboram propondo que o historiador deve “criar as condições para que a história seja efetivamente cumulativa e não cíclica” (Colombat, Fournier e Puech, 2017, p. 18). Cumulativo é um adjetivo que destoa “do projeto das genealogias desordenadas e fragmentárias” (Foucault, 1976, p. 270). Se por um lado, cumulativa parece sinalizar um corpo de conhecimento que admite sua expansão, que não recalca seu

³ Como os instrumentos linguísticos, instituições, escola, centros de pesquisa etc.

horizonte de retrospecto, por outro, a cumulatividade recusa a repetitividade de um retorno cíclico. Como Foucault, Auroux acredita ser os produtos científicos de uma investigação histórica um dizer verdadeiro parcial, averiguável sob certas expectativas científicas. No entanto,

isso não significa que a sua tarefa seja restituir a história real na sua 'realidade'; esta não é mais atingível que a opacidade do mundo natural. O historiador, como todos os colegas cientistas, constrói representações teóricas susceptíveis de serem corroboradas/invalidadas por dados empíricos. Algumas são melhores que outras; todas são necessariamente parciais (Auroux, 2008, p. 151).

Apesar de reconhecer a parcialidade da produção de conhecimento histórico, ou justamente por reconhecer sua parcialidade, Auroux reafirma seu compromisso com a produção de conhecimento ética e confiável, objetivo teórico e político principal do autor, conforme descrito por seus leitores:

O papel do historiador das ciências da linguagem é, então, o de criar condições de uma reflexão informada sobre a epistemologia das ciências da linguagem, pela produção de informações confiáveis sobre teorias antigas, os conhecimentos que elas produziram, os conceitos que elas elaboraram; a forma sob a qual os problemas foram colocados e conhecidos; ou, ainda, alargando um pouco a problemática sobre as questões mais gerais e mais fundamentais. Como os gramáticos e linguistas concebem seu objeto em tal momento? Como foram apreendidos e concebidos os fatos e os dados, as regras ou as leis que os organizam. Ou, ainda, como foram distinguidos o possível e o impossível de língua, o que se pode dizer ou não se pode dizer e por que? Como foram definidas as condições de validação das descrições (Colombat, Fournier e Puech, 2017, p. 18-19).

A principal característica do projeto de conhecimento histórico de Auroux é ser marcado por rigor científico. Já que a historicidade sustenta o projeto de conhecimento linguístico de Auroux e a área da História das ideias linguísticas, a perspectiva histórica passa a ser a materialização do próprio rigor científico.

3. Decorrências teóricas e metodológicas das diferentes perspectivas históricas

Nas próximas cinco subseções, são comentados cinco conceitos-questões, em torno dos quais as perspectivas históricas dos dois autores se afastam ou se aproximam. As diferentes perspectivas sobre eles serão tratadas como decorrências práticas das posições teóricas específicas, ou mesmo de um projeto político. Os conceitos-questões são a *verdade*, *autoria*, *continuidade/descontinuidade*, *acontecimento* e *origem*.

3.1 A questão da verdade

“A verdade cura quando dita a tempo”
Michel Foucault, *História da Sexualidade I*

A questão da história se coliga indelévelmente à questão da verdade, não como relato mas como desejo. Não apenas porque a verdade é um efeito histórico e fruto de um regime de verdade, que também é historicamente organizado, mas, sobretudo porque o entendimento de história condiciona um entendimento de verdade: por uma perspectiva histórica da genealogia foucaultiana, a verdade existe, mas é “deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (Foucault, 1977, p. 52). Já para a história cumulativa que depreendo de Auroux e da História das ideias linguísticas não pode haver verdade. “[A] verdade não tem história, e, então, importa-nos pouco saber datar sua aparição” (Colombat, Fournier e Puech, 2017, p. 20). A verdade mundana em Foucault tem seu contraponto em Auroux na verdade lógico-objetiva, ou seja, no conceito de conhecimento científico, e portanto um produto de uma aplicação teórico-metodológica.

Embora tenha escrito em outro lugar que “Conhecimento e verdade não estão necessariamente comprometidos. O conceito verdade tende a ser autoritário, enquanto o conhecimento pode ser libertador, e potencialmente desmoralizador” (Bonfante, 2022, p. 3), aqui vou tratar conhecimento e verdade não como sinônimos, mas como pares complementares que opõe o pensamento de Auroux e Foucault. A oposição entre esses dois termos antes de semântica é metodológica: prevê estabelecer uma discussão teórica. Assim, *Verdade* figura mais no pensamento de Foucault, que nos anos 60 defendia que “o filósofo deve dizer o que há” (Foucault, 2023, p. 4), e *conhecimento* figura mais no pensamento do filósofo da linguagem e historiador das ideias linguísticas, Auroux, e seus leitores.

Na comparação das tomadas teórico-filosóficas de Auroux e Foucault, ressalto então duas questões quanto à verdade. Primeira questão de comparação é o posicionamento dos autores em relação a um regime de verdade: enquanto a abordagem histórico-científica de Auroux e leitores abraça a necessidade de nos aproximarmos de uma concepção lógico-científica da verdade, que em outras palavras se refere ao conhecimento científico, o trabalho de Foucault com a história se afasta da tradição lógico-científica para explorar as dimensões éticas e políticas da prática do dizer-verdadeiro.

A segunda questão a ser ressaltada é a conceitualização da noção de conhecimento histórico: “É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 1971b, p. 73). Enquanto para Foucault, o conhecimento é subtração, para Auroux e leitoras é soma;⁴ entender a história como perspectiva moldada pelo tempo que passa é o que atribui densidade a sua historiografia única. Para Foucault, a história como tempo decorrido é indiferente ao sentido histórico que culmina em erupções avulsas, acontecimentos que irrompem a calma da história. Auroux pretende conhecer e estabelecer um método para conhecer historicamente. Foucault pretende destruir o método histórico, focando na densidade comprimida de cada acontecimento. É possível dizer que enquanto Auroux procura edificar uma metodologia segura para produzir conhecimento histórico, Foucault se lança a desconstrução de qualquer edificação teórico-metodológica.

Assim, podemos explicar que verdade em Foucault é um conjunto de procedimentos:

Por ‘verdade’, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A ‘verdade’ está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que reproduzem. ‘Regime’ de verdade (Foucault, 1977, p. 54).

Enquanto para Auroux, ela é um paradoxo que embora não exista, pode ser reconhecido como algo positivo, que faz algo como cintilar, guiar. Para Auroux, a verdade é um paradoxo de três termos: “é a mesma para todos (universalidade)” (2008, p. 127), porém possui uma materialidade própria que presentifica o corpo e, finalmente também é “intangível (aquilo que é verdadeiro é sempre verdadeiro)” (2008, p. 127). Os paradoxos afetam “a ciência”, concebida por Auroux como “um fenômeno social (coletivo) ao qual se pode atribuir três componentes: teórico, prático e sociológico” (Auroux 2008, p. 129). No entanto, o fato de ela ser confiável como um parâmetro social de conduta sábia sugere que, de alguma forma, esses paradoxos sejam superados. E para Auroux as respostas da produção de conhecimento científica sobre seus paradoxos foi a organização de comunidades científicas que são normativas, recorrem ao conhecimento por pares, e são exclusivas; excluem, não sendo acessíveis. Assim, a cara do conhecimento é fornecida pela própria comunidade do conhecimento, dentro de uma sociedade do conhecimento altamente dependente de uma “burocracia científica. Para a sociedade do conhecimento, a ciência não é, em

⁴ Uma soma que permite aumentar a predizibilidade, fazendo um paralelo com a atual economia extrativa dos dados a que estamos submetidos, para ressaltar como ela fornece ao capitalismo uma perspectiva lógico-objetiva. Em outras palavras, é necessário suspeitar do lógico-objetivo.

primeiro lugar, um valor da nossa relação ética com o mundo” (Auroux, 2008, p. 134). Já para Foucault, a ética seria o limite da verdade.

3.2 A questão da autoria

Em Foucault, o autor se afoga no discurso em que está imerso, perseguindo sua “identidade vazia ao longo da história” (1971a, p. 43). O vazio, o vácuo, a ausência habitam o pensamento sobre autoria em pensadores franceses como Roland Barthes, Stéphane Mallarmé, Jacques Derrida, Michel Foucault. Até Butler, norte-americana, leitora deles e ícone de uma contemporaneidade intelectual, alude ao *assujeitamento*, como potencial explicativo para relação entre sujeito e discurso. Este vazio, essa clivagem subjetiva no texto, é uma marca da reflexão desses autores na composição de uma crítica literária menos interessada no autor como ponto de convergência da obra do que no texto em si. Já ali, a autoria deixava de ser sobre o autor. Em *A ordem do discurso*, Foucault reduz o autor a um “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (1971a, p. 26). O autor para Foucault, forneceria a inquietante linguagem “sua ficção de unidade, seus nós de coerência, sua inserção no real”. (1971a, p. 28). O sujeito é subordinado ao discurso que tem poderes coercitivos e regras de entrada e permanência. Este abandono do autor às forças discursivas se reflete também na sua metodologia histórica, que passa a recusar o próprio historiador, dos discursos ou não. Não recusar o seu trabalho, mas sua autoridade. Nesse sentido, o filósofo sacrifica o “o sujeito de conhecimento” (Foucault, 1971, p. 82). Sem, no entanto permitir a história efetiva, ou genealógica temer ser um saber perspectivo. “É um olhar que sabe tanto de onde olha, quanto o que olha. O sentimento histórico dá ao saber a possibilidade de fazer, no movimento de seu conhecimento sua genealogia” (Foucault, 1971, p. 76).

Na História das ideias linguísticas a questão de autoria se volta para a produção de documentos históricos que incidem na língua, sobretudo os monumentos linguísticos, como dicionários, enciclopédias e gramáticas. O domínio da língua, capacidade crucial para o gozo de uma cidadania humanista se torna então arma nos embates entre língua colonial e língua nativa (Rodríguez-Alcalá, 2011; Mariani, 2008). A autoria da gramática ou do dicionário bilíngue marca o poder da língua no binômio: falar/ser falado, denotando contornos especiais de importância à nacionalidade dos descritores da língua. Essa orientação quanto a apropriação autoral brasileira da produção de instrumentos linguísticos tem guiado o emprego do conceito de descolonização

linguística, que sinonimiza a produção de saber metalinguístico com a apropriação de uma língua (Orlandi, 2007, p. 15). Horta Nunes explica: “São marcas de um país de colonização, no qual a assunção da autoria às vezes fica apagada” (2008, p. 116). Para Horta Nunes, a autoria é uma forma de manifestação política, assim como o próprio fazer científico: “ao fazer história das ideias linguísticas, estamos lidando com diferentes formas de política linguística que se apresentam nas teorias, nos instrumentos linguísticos, nas instituições, nas formas de autoria” (2008, p. 120).

Assim, enquanto as leitoras e leitores de Aurox pensam autoria do saber metalinguístico como motivo de embate político, Foucault tende a desprezar o autor como origem ou limite das possibilidades de sentido que sua obra ensejam.

3.3 Continuidade/descontinuidade

A verdade possui uma continuidade histórica, um tipo de coesão e coerência com o tempo. O elemento coesivo que costura a história ao seu significado que é limitado pelo tempo é o discurso, o qual “nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (Foucault 1971a, p. 49). O nascimento que irrompe deve ser o sentido tomado como sobressalente aqui. A continuidade da história é descrita, pelo Foucault genealógico não apenas como estéril, mas como violenta, condenando as metodologias organizativas: “o respeito às antigas continuidades torna-se dissociação sistemática” (Foucault, 1971b, p. 86). A descontinuidade em Foucault é muito invocada como um modelo metafórico-explicativo do próprio acontecimento: “O verdadeiro sentido histórico reconhece que vivemos sem referências ou sem coordenadas originárias, em miríades de acontecimentos perdidos” (Foucault, 1971b, p. 74). Foucault nos liberta de certo sentido histórico, passado por gerações, ele nos isola num momento de acontecimento, quase que como um retrato sincrônico, para usar um conceito saussuriano. Ademais Foucault propõe a descontinuidade como um objetivo incontornável do saber histórico: “A história será efetiva”, quando “se obstinar contra sua pretensa continuidade” (Foucault, 1971b, p. 73). Foucault propõe, à sua maneira, um deslocamento na prática histórica: resistir ao coeso, ao unânime, ao categorizável e descobrir-se na desordem potencial do dizer-verdadeiro. Também na sua teorização sobre os discursos, a descontinuidade está em Foucault: Em *A ordem do discurso* (1971a) Foucault estabelece 3 princípios discursivos, dentre os quais o primeiro é a *Descontinuidade*: “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (1971a, p. 52-53). O segundo

princípio seria o da especificidade, ilustrado com o conselho de “não transformar o discurso em um jogo de significações prévias” (1971a, p. 53). E o terceiro é a Regra da Exterioridade, “a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, aquilo que dá lugar a série aleatória desses acontecimentos e fixa fronteiras” (1971a, p. 53).

Ao contrário de Foucault, Auroux não pode abrir mão tão facilmente da continuidade da história, tanto pela sua experiência empírica com gramáticas, quanto porque a história assume a função de rigor científico em sua teorização. Certamente Auroux não entretém uma visão ingênua da continuidade histórica. Ao contrário ele admite o poder criativo do seus cortes, segmentações e apagões, queimas de arquivo. Para ele, o “esquecimento possui uma função criativa” (Auroux, 2008, p. 151). Também não é correto sugerir que Auroux defendia uma história contínua ou ignorava o caráter disruptivo do acontecimento. Em seu trabalho, a continuidade é uma decorrência quase automática da acumulação de arquivos e discursos, do olhar histórico em si. Com maior número de dados, maior a predizibilidade dos fatos linguísticos e discursivos e a maior capacidade de síntese histórica. Esses desejos informam a empreitada lógico-objetiva da produção de conhecimento, posição que ocupa Auroux.

3.4 O interesse pela noção de acontecimento

Acontecimento e continuidade. Conceitos em oposição fundamental no trabalho conceitual de Foucault (1971b) sobre Nietzsche e sua perspectiva genealógica sobre história. Como Foucault explica, Nietzsche estabelece uma distinção entre história efetiva (*Wirkliche*⁵ *Historie*) e história tradicional, no que tange à obstinação “contra sua pretensa continuidade” (Foucault, 1971b, p. 73). A ‘efetividade’ ou realidade da história visa reintroduzir o descontínuo em nossa percepção histórica e em nossas subjetividades. Nesse sentido, a história tradicional se coligaria a um desejo de continuidade que atropelaria o interesse pelo acontecimento que irrompe na sua unicidade. “Há toda uma tradição da história (teleológica ou racionalista) que tende a dissolver o acontecimento singular em uma continuidade ideal” (Foucault, 1971b, p. 73). A genealogia

⁵ Embora “*wirkliche*” possa ser traduzido por “efetivo” e eu siga aqui a tradução proposta no *Microfísica do poder* para facilitar a consulta na obra, acho essa tradução problemática. “*Wirklich*” é um adjetivo que remete a “verdadeiro”, “real”, “factual”. Acredito que a oposição que Nietzsche sugere não realça a efetividade das diferentes abordagens de história, mas a sua realidade e pertinência. O que está em jogo para Nietzsche, penso, é uma avaliação moral de dois tipos de postura diferentes em relação à história: o real e o falso. Quero pontuar essa questão, pois, apesar dos meus esforços de contenção, o termo “história efetiva” permeou todo este texto.

foucaultiana “faz ressurgir o acontecimento no que ele pode ter de único e agudo” (Foucault, 1971b, p. 73). O acontecimento deixa ver as forças do acaso e da incomensurabilidade que agem na história, apesar de nossos cortes normalizadores.

É preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada, mascarada. As forças que se encontram em jogo na história não obedecem a uma destinação, nem a uma mecânica, mas ao acaso da luta. Elas não se manifestam como formas sucessivas de uma intenção primordial; como também não têm aspecto de resultado. Elas aparecem sempre na álea singular do acontecimento (Foucault, 1971b, p. 73).

Embora não seja possível sustentar que ambos entendem acontecimento da mesma forma, no âmbito da continuidade/descontinuidade. Não seria difícil sustentar que, à sua maneira, Auroux fez uma genealogia dos instrumentos linguísticos em seu trabalho histórico sobre a gramatização. O surgimento e multiplicação de gramáticas, dicionários e enciclopédias foram tratados como acontecimentos discursivos, pontos de irrupções que marcaram profundas transformações na forma de conhecer a língua e de governo da vida. “As grandes transformações dos saberes linguísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem” (Auroux, 1992, p. 29). E, de fato, afetaram.

Também é possível considerar o trabalho de Auroux sobre gramatização como um gesto genealógico se concordarmos que ele “não se desvia dos acontecimentos; ao contrário, alarga sem cessar o campo dos mesmos; neles descobre, sem cessar, novas camadas, mais superficiais ou mais profundas” (Foucault, 1971a, p. 55). Apesar dessas proximidades, Auroux vê os acontecimentos como estendidos, e vê sua sucessão como a própria definição da história. Para Auroux, o conhecimento histórico é composto pela observação de uma procissão de acontecimentos, o conceito de acontecimento estaria no cerne do que a história é:

O historiador não pode se contentar em utilizar uma temporalidade extrínseca, o que significa dizer que as representações que constrói situam simplesmente os seus objetos (que são eles mesmos representações) num quadro temporal, numa cronologia, ainda que essa cronologia seja a condição mínima da história. Os conhecimentos não são acontecimentos e, por conseguinte não tem data; são os seus eventuais aparecimentos que têm (Auroux, 2008, p. 137).

Vejam como Auroux distingue os conhecimentos em si de seus aparecimentos. Pela perspectiva histórica de Auroux são os aparecimentos históricos que são tomados como

acontecimentos, ou seja, os acontecimentos em si são absorvidos pela historicidade do conhecimento.

3.5 O rechaço da origem

A origem é uma ficção útil. Se pensarmos na linguística disciplinar e disciplinada, por exemplo, foi convenção pontuar seu início no trabalho de Saussure, convenção que ignora tradições de reflexão metalinguística em diversas culturas. Para Foucault a origem não existe, pois não existe continuidade. O gesto genealógico discute acontecimentos que irrompem no tempo, sem serem passíveis de serem remetidos ao passado originário ou a um foco de proveniência. Seguindo Nietzsche, Foucault critica as três definições alemãs para origem que ele considera rasteiras: *Herkunft*, *Ursprung* e *Entstehung*. Propondo em seu lugar um fazer histórico não ontológico, que ao contrário de perseguir uma suposta origem no presente e futuro, se interessa pelo acontecimento, esparsos e descontínuos.

Embora Aurox proponha que latim teve um papel propedêutico na gramatização do mundo e que “sem a tradição gramatical latina [...] não haveria simplesmente o que chamamos hoje de linguística” (1992, p. 45), admitindo um certo começo histórico para a gramatização, ele também desconfia de qualquer origem (*Herkunft*, *Ursprung* e *Entstehung*), pois, em minha leitura, ele abraça uma postura de desejo de origem como ficção útil: “Quando falamos de origem, não se trata evidentemente de um acontecimento, mas de um processo que podemos delimitar num intervalo temporal aberto, às vezes consideravelmente longo. A origem de uma tradição pode ser espontânea ou resultar de uma transferência tecnológica” (Aurox, 1992, p. 21). A origem é para Aurox uma ficção útil pois marca o início da representação científica, ou descrição, o surgimento do conhecimento sobre o fenômeno e não do fenômeno em si, o que é delimitado/possibilitado pela visão do historiador, sujeito da linguagem, objeto de sua investigação, e sempre marcada por um processo temporal, e nunca um ponto fixo de um acontecimento. Aurox também destaca que a origem parece ser uma questão mais filosófica do que da perspectiva histórica em linguística: “A separação em relação a filosofia não tem por outro recurso senão a negação da filosofia, a recusa das questões de essência, de origem e de universalidade. Ela se realiza por exclusão na não-ciência e no fantástico” (Aurox, 1992, p. 31). Vejam como a ficção da origem encontra no fantástico da filosofia, espaço para prosperar, mas tem menos apelo aos discursos objetivos da ciência.

4. Conclusão

O investimento no conceito de história tem permitido pesquisas muito relevantes em linguística, as quais contribuem para a produção do saber histórico sobre língua, sobre políticas linguísticas, sobre instrumentos linguísticos, sobre discursos e instituições. No entanto, sem homogeneidade teórica, fato ressaltado positivamente. Neste artigo, foram discutidos duas tomadas heterogêneas do conceito de história e foram comparadas suas posições filosóficas e projetos de conhecimento: uma foucaultiana, a genealogia. E uma perspectiva desenvolvida por Aurox, a história cumulativa. Ambas as perspectivas procuram pensar a história do conhecimento, sem se apoiar sobre alguma verdade metafísica. A noção de verdade como resultado seguro de uma prática de conhecer é questionada, em Foucault que alude a performatividade da verdade e em Aurox por ser um paradoxo. Se para Foucault a verdade se refere a um conjunto de discursos e procedimentos, para Aurox o verdadeiro pode ser revelado por um método científico. Os autores, ademais, se aproximam no seu interesse pelo acontecimento como unidade histórica e no rechaço da busca pela origem como proveniência de sentido verdadeiro. E se afastam em seus entendimentos de autoria, verdade e continuidade/descontinuidade da história. Eu diria que para a História das ideias linguísticas, área de conhecimento inaugurada por Aurox, a descontinuidade também é importante como perspectiva de observação de fenômenos linguísticos e discursivos, embora a continuidade ou coesão histórica não possa ser desprezada. No entanto, a autoria é a questão onde os dois campos do conhecimento se olham com interesses diferentes. A autoria para Foucault é execrada em razão de acontecimentos dispersos e não organizáveis, enquanto para a História das ideias, sobretudo no Brasil, a autoria é questão essencial de descolonização linguística.

As diferenças de perspectivas entre os autores podem ser ressaltadas em linhas de seus projetos de conhecimento. Enquanto a proposta teórica de Aurox é observar a linguagem e sua história epistêmica a partir de uma perspectiva filosófico-historiográfica da ciência, o projeto político de Foucault se lança a pensar a subjetividade humana (Foucault, 1999). A questão de Foucault é como um indivíduo se faz sujeito, imerso em discursos e regimes de verdade. Seu interesse é mostrar no trabalho com os discursos como “o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício” (Foucault, 1988, p. 52). Se o interesse de Aurox é pensar a produção de conhecimento, fornecendo-lhe instrumentos e técnicas confiáveis, o de Foucault é de desconstruir qualquer método de saber sem construir nada no lugar. Isso nos parece evidente se considerarmos a sua insistência na descontinuidade e na execração da autoria.

Epílogo ou Como se benzer do colonialismo constitutivo da história?

“A história não está fadada aos regimes de verdade do colonialismo.”

Luiz Rufino, *Pedagogia das encruzilhadas*

Ao longo dessa reflexão, me perguntei constantemente, munido de incredulidade decolonial, acerca do potencial de cura que essas teorias europeias poderiam fomentar na vida intelectual latino-americana. Afinal de contas, para hooks, “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária” (2017, p. 86).

A teoria em si também não é neutra. Para Auroux, “o sistema de interpretantes contém notadamente as concepções da estrutura do domínio dos objetos” (2008, p. 139). Por uma perspectiva decolonial tomo suas palavras da seguinte forma: as propriedades materiais que envolvem as práticas discursivas como ter um rosto e um corpo, mexer a língua e os lábios, a cor da nossa pele, a distribuição de bens materiais entre os falantes, a infiltração dos discursos extrativistas e neoliberais, todos esses e outros fenômenos sociopolíticos são formativos dos sujeitos interpretantes e dos sistemas interpretantes-interpretáveis. O jogo interpretativo segue as regras coloniais. Tal entendimento implica em aceitar que o passado colonial se faz presente nas espumas de nossas bocas. Para Cusicanqui, “A irrupção do passado se faz recorrente; às vezes de maneira metafórica, mas sempre como juízo do (ou a partir do) presente” (Cusicanqui, 2024, p. 12). O presente, que se converte por categorias discursivas no aqui e agora do discurso é atravessado pelo colonialismo, como um arroto, uma regurgitação. É a manifestação de uma “historicidade assombrada” (Silva, 2022, p. 92). A pesquisadora aimará propõe uma recusa desse regurgito a partir de uma nova linguagem conceitual para “enfeitiçar o colonialismo”, nas palavras do escritor quilombola Antônio Bispo dos Santos. O conceito central à proposta de Cusicanqui é o cinza, não o da genealogia foucaultiana, mas do *ch’ixi*. O cinza do *ch’ixi* reúne a multiplicidade e diversidade a uma recusa de endossar as violências neocoloniais individualistas, se propõe a encantar os assombrações coloniais. *Ch’ixi* reflete pensamento em comunidade, reivindica o efêmero, é “um chamado pra superar a primeira disjuntiva colonial, a de fazer das palavras um véu”⁶ (Cusicanqui, 2024, p. 202). É um método do desvelo histórico, um método de despir os conceitos coloniais. É “uma alegoria que permite conviver entre diferentes, mantendo a radicalidade da diferença. Isso seria o *ch’ixi*” (Cusicanqui, 2024, p. 199). Uma manifestação das

⁶ “O primeiro gesto colonial, quando o espanhol se encontra com o índio, é fazer da palavra uma coisa enganosa” (Cusicanqui, 2024, p. 202).

memórias locais organizadas como luta, um modo de ser e conhecer; “trata-se de extrapolar o “método”, não de “citar” o conceito. Ch’ixi é um devir” (Cusicanqui, 2024, p. 200). O cinza ch’ixi nos sintoniza com um fazer histórico-discursivo com força de oralidade e de braços fortes da América Latina, enlaçados em solidariedade e posição de combate. Na arena acadêmica, o combate é justamente abrir espaço para extrapolar o método, sem apenas citar o conceito. Na arena política, o embate é como o das escrituras: ser uma narrativa sem objetivo de ‘ninar os senhores da casa-grande, mas fazê-los acordar de seus sonos injustos’ (Evaristo, 2020, p. 30). O cinza latino-americano questiona as estratégias coloniais de poder, entre elas a historicidade e a ciência, ressaltadas por Denise Ferreira da Silva. Ao apontar o conhecimento científico como uma “dimensão produtiva de poder extremamente importante” (2022, p. 82), Silva ressalta que “a historicidade não é capaz de dissipar seus próprios efeitos de poder, não consegue instituir sujeitos que signifiquem Outra-mente” (2022, p. 77).

Talvez fosse injusto esquecer que muitas ideias contracoloniais são animadas pelo Foucault genealógico, que defende “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, permit[indo] a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais” (Foucault, 1976, p. 267-268) e que propõe no seu método histórico “um empreendimento para libertar da sujeição os saberes históricos, isto é, torná-los capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico” (Foucault, 1976, p. 269-270). No entanto, não é na voz dele que erigiremos nossas palavras altas, é no cinza do pensamento feminista sul-americano. A palavra feminista que congrega, benze, exorta os assombrações.

Esse prólogo se faz necessário para benzer a palavra dos europeus Auroux e Foucault. Hoje se sabe que as perspectivas históricas do norte global não são mais suficientes para relatar historicamente os acontecimentos fora do eixo colonial, sobretudo nos acontecimentos históricos da América do Sul, continente de veias abertas (Galeano, 2010), de multiplicidade étnica e cultural e atualmente sofrendo investidas político-econômicas escandalosas dos Estados Unidos. Toda palavra colonial deve ser contracolonizada pelas nossas, ou, como propõe Oswald de Andrade, antropofagadas, com ajuda de “conceitos-metáfora” de Cusicanqui ou “palavras-semente” de Claudiana Alencar (2022), ambos conceitos compõem epistemologias elaboradas coletivamente, como o ch’ixi, a que retornamos como um feitiço de memória de nossa condição subalterna e com sede de autodeterminação teórico-filosófica:

a noção de epistemologia ch’ixi, que elaboramos coletivamente é, sobretudo, o esforço de superar o historicismo e os binarismos de ciência social hegemônica,

lançando mão de conceitos-metáfora que, por sua vez, descrevem e interpretam as complexas mediações e a heterogênea constituição de nossas sociedades (Cusicanqui, 2024, p. 18).

Que as nossas teorias e conceitos sejam canibais, como foram os guerreiros Tupinambás, e ao devorar as palavras dos colonizadores não nos tornemos iguais, mas que absorvamos sua força, sem perder nossa própria memória e língua. Uma memória viva de que toda história é precária e toda língua sangra. Uma memória tácita de que toda história é relevante e que no espaço da América do Sul, as línguas decepadas podem voltar a crescer.

Referências

- ALENCAR, C. N. de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 37, n. 4, 2022. DOI: 10.1590/1678-460x202156109.
- AQUINO, J. E. O horizonte de projeção da gramatização brasileira no século XIX. In: AQUINO, J. E. (Org.). *Seis ensaios em História das Ideias Linguísticas*. São Carlos: Pedro & João; EDUFT, 2024. p. 15-54.
- AUROUX, S. A historicidade das ciências. In: AUROUX, S. *A questão da origem das línguas seguido de A historicidade das ciências*. Campinas: RG Editores, 2008.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- AUROUX, S. *Filosofia da linguagem*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.
- AUROUX, S. Os modos de historicização. Tradução Jacqueline Léon e Marli Quadros Leite. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-12, jan./abr. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETLL216745.
- BONFANTE, G. M. Genealogia do sexo no pelo: uma revisão bibliográfica das vontades de verdade sobre a prática do *bareback*. *VEREDAS – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 26, p. 1-17, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2022.v26.38453>.
- COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.-M.; PUECH, C. *Uma história das ideias linguísticas*. Trad. Jaqueline de Leon e Marli Quadros. São Paulo: Contexto, 2017.
- CUSICANQUI, S. R. *Um mundo ch'ixi é possível: ensaios de um presente em crise*. Trad. Sue Iamamoto. São Paulo: Elefante, 2024.
- EVARISTO, C. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosaldo (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>.

- FOUCAULT, M. A linguagem ao infinito. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 47-59.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014 [1971a].
- FOUCAULT, M. Genealogia e poder. [1976]. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Ed. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. p. 262-277.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Paz & Terra, 2014 [1984].
- FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. [1971b]. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Ed. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. p. 55-86.
- FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992 [1969].
- FOUCAULT, M. Verdade e poder. [1977]. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Ed. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015. p. 35-54.
- GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- hooks, b. A teoria como prática libertadora. In: hooks, b. *Ensinando a transgredir*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MARIANI, B. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.
- MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Trad. Paulo. S. Souza Júnior. Campinas: Editora Unicamp, 2012.
- NUNES, J. H. Uma articulação da análise de discurso com a História das ideias linguísticas. *Letras*, n. 37, p. 107-124, 2008. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148511982>.
- ORLANDI, E. P. Processo de descolonização linguística e lusofonia. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 10, n. 19, p. 9-19, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8659723>.
- RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Escrita e gramática como tecnologias urbanas: a cidade na história das línguas e das ideias linguísticas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 53, n. 2, p. 197-217, 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v53i2.8636988>.
- RUFINO, L. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.
- SILVA, D. F. *Homo modernus: para uma ideia global de raça*. Trad. Jess Oliveira e Pedro Daher. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- SOARES, M. História e linguagem: uma perspectiva discursiva. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 27, p. 1-6, jul. 1998.
-